

# "Sua Excelência...": o escritor e o ditador

## "Your Excellency...": the writer and the dictator

Centro Stefan Zweig de Salzburg/ Universidade de Verona

Stefan Zweig Centre, Salzburg/ University of Verona

Arturo Larcati

Conforme vimos nos textos anteriores, em sua autobiografia *O mundo que eu vi*, Stefan Zweig comemora enfaticamente o fato de ter conseguido intervir junto a Benito Mussolini com o fim de conseguir um indulto para o antifascista Giuseppe Germani e o registra como seu êxito pessoal mais precioso - segundo ele, mais importante do que todos seus escritos e o reconhecimento de sua obra.<sup>1</sup> Nesse contexto, ele acrescenta:

E, no entanto, teria sido meu dever agradecer pessoalmente a Mussolini - que, conforme soube através de amigos comuns, foi um dos primeiros e melhores leitores dos meus livros na Itália - pela maneira espontânea com que realizou o primeiro pedido que jamais fiz a um estadista.<sup>2</sup>

Esse trecho merece atenção por vários aspectos. Primeiro, é questionável se realmente pode ser motivo de orgulho contar retrospectivamente entre seus "primeiros e melhores" leitores um ditador como Mussolini. Por outro lado, a expressão "amigos comuns"

As we have seen in previous texts, in his autobiography *The World of Yesterday*, Stefan Zweig is emphatic in celebrating the fact that he was able to approach Benito Mussolini in order to get a pardon for the anti-Fascist Giuseppe Germani, and he records this as his most precious success - he claims it is more important than all his writings and the recognition of his work.<sup>1</sup> In this context, he adds:

It would seem to have been my duty to thank Mussolini personally - friends whom we had in common told me that he was one of the first and most appreciative of my readers in Italy - for the spontaneous way in which he granted the first request I ever addressed to a statesman.<sup>2</sup>

This excerpt deserves our attention for various reasons. First, it is questionable whether having a dictator such as Mussolini among your "first and best" readers is a source of pride. On the other hand, the expression "friends in common" suggests that Zweig and Mussolini may have moved in the same circles - also

<sup>1</sup> Stefan Zweig, *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers* (*O mundo que eu vi*), Frankfurt/Main Fischer 1965, p. 315.

<sup>2</sup> Idem, p. 313.

<sup>1</sup> Stefan Zweig, *The World of Yesterday*, Viking 1943, p. 345.

<sup>2</sup> Idem, p. 343.

sugere que Zweig e Mussolini talvez tivessem se relacionado com as mesmas pessoas - o que tampouco seria motivo de orgulho.<sup>3</sup> Lendo as duas páginas dedicadas na autobiografia ao episódio Germani, é difícil fugir à impressão de que, para relatar sua intervenção bem-sucedida junto a Mussolini, Zweig constrói a imagem de um ditador ameno, quase paternalista, muito distante da realidade do regime. Essa representação "favorável" de Mussolini foi necessária, podemos concluir, pois um ditador brutal dificilmente teria sensibilidade para um ato humanitário ou respeito por um escritor. Sem essa representação, a prova do poder da palavra literária - que está no cerne do objetivo de Zweig - deixaria de existir.

O que chama mais atenção no trecho citado é a tentativa de Zweig de tentar impedir seus leitores ou futuros pesquisadores ou historiadores de procurar uma carta de agradecimento sua para o ditador - que ele, porém, efetivamente escreveu. É fácil imaginar os motivos pelos quais Zweig, antifascista convicto, quis "limpar" o relato do

no reason for pride.<sup>3</sup> Reading the two pages about the Germani episode in the autobiography, it is difficult to avoid the impression that, in order to relate a successful intervention with Mussolini, Zweig builds the image of a mild dictator, almost paternalistic, very distant from the reality of the regime. We may conclude that the "favourable" representation of Mussolini was necessary, since presumably a brutal dictator would have neither the sensibility for a humanitarian act nor any respect for a writer. Without this representation, the proof of the power of the literary word - the core of Zweig's objective - would be non-existent.

What draws the most attention in the quoted section is Zweig's attempt to try and prevent his readers or future researchers or historians from looking for a letter of thanks that he wrote to the dictator - but which he did in fact write. It is easy to understand the reasons why Zweig, a declared anti-Fascist, wished to "cleanse" the account of the Germani episode of a few disagreeable details, such as his "applause to the

<sup>3</sup>Os "amigos em comum" poderiam ser Emil Ludwig e Ugo Ojetti, que Zweig menciona nas cartas para Elsa Germani. É menos provável que Zweig incluisse nesse rol Enrico Rocca, o amigo de Roma que prefere não citar nominalmente na carta 7. Embora Rocca trabalhasse como redator para o jornal *Il lavoro fascista* (*Die faschistische Arbeit*) e conhecesse Mussolini, caiu em desgraça por ser judeu. Zweig também era amigo do poeta Grigol Robakidse (1882-1962), da Geórgia, que era um grande admirador de Hitler e Mussolini (cf. O livro escrito por encomenda de Goebbels, Adolf Hitler visto por um poeta estrangeiro Jena Eugen Diederichs Verlag 1939; Mussolini, o filho do sol, Jena Eugen Diederichs Verlag 1941.)

<sup>3</sup>The "friends in common" might be Emil Ludwig and Ugo Ojetti, whom Zweig mentions in the letters to Elsa Germani. It is less likely that Zweig includes in this list Enrico Rocca, the friend from Rome that he declines to name in letter 7. Although Rocca wrote for the newspaper *Il lavoro fascista* (*Die faschistische Arbeit*) and knew Mussolini, he had fallen into displeasure because he was a Jew. Zweig was also friends with the poet Grigol Robakidse (1882-1962), from Georgia, who was a great admirer of Hitler and Mussolini (cf. The book written under the orders of Goebbels, Adolf Hitler von einem fremden Dichter gesehen, Jena Eugen Diederichs Verlag 1939; Mussolini, der Sonnengezeichnete, Jena Eugen Diederichs Verlag 1941.)

episódio Germani de alguns detalhes desagradáveis para ele, como seu "aplauso para o duce".<sup>4</sup> Aparentemente, o escritor se arrependeu a posterior da "reverência" que fez diante de Mussolini e tentou escamotear o seu "segredo".<sup>5</sup> A história do indulto de Germani, seguidor de Matteotti, não é o único caso na autobiografia *O mundo que eu vi* em que a verdade histórica é modificada em benefício de uma apresentação modificada dos acontecimentos.

Mas o cientista político e reitor da Universidade de Pavia, Fabio Rugge, não seguiu o conselho de Zweig em *O mundo que eu vi*. Descobriu a carta de agradecimento de Zweig ao ditador no Arquivo Nacional de Roma e a publicou.

Salisburgo, 17 gennaio 1933

Kapuzinerberg 5

Eccellenza, con la più profonda emozione et con la massima mia gratitudine ho ricevuto oggi per il Reale Ministro Auriti la commovente notizia dell'atto di magnanimità della Sua Eccellenza e mi tarda di dire alla Vostra Eccellenza la mia ardente riconoscenza. Eu a expresso melhor na minha língua porque me sinto verdadeiramente comovido no mais íntimo do meu ser pela Sua bondade; sabia o quanto seria temerário importunar com uma súplica um homem que carrega a

duce".<sup>4</sup> Apparently, the author later regretted his "obeisance" to Mussolini and tried to hide his "secret" through sleight of hand.<sup>5</sup> The story of the pardon of Germani, a follower of Matteotti, isn't the only case in the autobiography *The World of Yesterday* in which the true story is modified in order to present a more favourable version of what happened.

But the political scientist and dean of the University of Pavia, Fabio Rugge, didn't follow Zweig's advice in *The World of Yesterday*. He discovered the letter of thanks from Zweig to the dictator in the National Archives of Rome and published it.

Salisburgo, 17 gennaio 1933

Kapuzinerberg 5

Eccellenza, con la più profonda emozione et con la massima mia gratitudine ho ricevuto oggi per il Reale Ministro Auriti la commovente notizia dell'atto di magnanimità della Sua Eccellenza e mi tarda di dire alla Vostra Eccellenza la mia ardente riconoscenza. I can express myself better in my own language because I feel truly moved in the deepest part of my being by Your Kindness; I knew how bold it would be to disturb with a request a man who carries the gravest and most

<sup>4</sup>Dario Fertilio, Un applauso al Duce, il segreto di Stefan Zweig, in: *Il Corriere della Sera*, 10 de junho de 2006.

<sup>5</sup>É difícil crer que foi acaso o fato de que todos os documentos relacionados com o episódio Germani (a carta de Zweig para Mussolini, a carta da Legação italiana de Viena, respectivamente o telegrama de Roma com a resposta de Mussolini - e a famosa carta de agradecimento ao ditador) não possam mais ser encontrados nos arquivos da correspondência de Zweig.

<sup>4</sup>Dario Fertilio, Un applauso al Duce, il segreto di Stefan Zweig, in: *Il Corriere della Sera*, 10th June 2006.

<sup>5</sup>It is difficult to imagine that it was by chance that all the documents relating to the Germani episode (Zweig's letter to Mussolini, the letter from the Italian Mission in Vienna, the telegram from Rome with Mussolini's reply - and the famous letter of thanks to the dictator) can no longer be found in the archives of Zweig's correspondence.

mais grave e diuturna responsabilidade frente ao seu povo e ao mundo. Mas sabia também que a sua realização poderia contribuir para a sua honra, porque creio firmemente que, assim como no mundo material nenhum átomo se perde, no mundo moral nem o menor ato de magnanimidade pode se perder sem algum efeito positivo. Ainda que esse seu ato pareça infinitesimalmente pequeno diante do outro que realiza - em um tempo em que todas as nações naufragam, conduzir a sua Itália incólume através da mais terrível tempestade da história mundial - até esse fato aparentemente pequeno tem seu significado e sua grandeza, porque grande e pequeno, no mundo moral, são medidos por outros padrões do que na apressada história contemporânea, que só toma conhecimento da exterioridade de um gesto. Permita-me designar com a maior sinceridade esse seu ato de bondade como um dos maiores que o senhor jamais realizou. Através dele, salvou a vida de uma senhora atormentada, e se a sua bondade mais tarde puder resultar em uma indulgência ainda maior, ela se tornará para sempre feliz e grata.

Por favor, Excelência, não julgue ser presunção da minha parte se dentro de alguns dias, quando chegarem os volumes em italiano, eu me permitir enviar-lhe um exemplar do meu último livro que conta a história do caráter de Maria Antonieta. É a descrição de um caráter "mediano", até mesmo um caráter "débil" no início, aparentemente um livro de um anti-herói. Mas os grandes caracteres, os vencedores da vida, inscrevem eles próprios seus gestos no livro da História, e eu creio que os poetas deveriam, portanto, por motivos de justiça distributiva, ficar ao lado dos fracos e vencidos. Não tenho certamente a ousadia de pedir a Vossa Excelência

lengthy responsibility for his people and the world. But I also knew that it being granted might contribute to your honour, because I firmly believe that, just as in the material world where no atom is lost, in the moral world not even the slightest act of magnanimity can be lost without some positive affect. Even this act of yours seems infinitesimally small beside others - at a time when all nations are sinking, leading your unharmed Italy through the most terrible storm in world history - even this seemingly small fact has its significance and greatness, because in the moral world great and small are measured by other standards than those of our rushed contemporary history, which only notices the external gesture. Allow me to designate with the deepest sincerity this act of goodness of yours as one of the greatest you have ever committed. Through it, you have saved the life of a tortured woman, and if your goodness might later result in an even greater indulgence, she will be eternally happy and grateful.

Please, Your Excellence, do not think it presumptuous of me if in a few days, when the Italian volumes arrive, I permit myself to send you a copy of my last book which tells the story of the character Marie Antoinette. It is the description of an "average" character, to begin with even "weak", apparently a book about an anti-hero. But the great characters, the winners in life, inscribe their own gestures in the book of History, and I believe the poets should therefore, in the name of distribution of justice, stand alongside the weak and defeated. I certainly would dare ask Your Excellency to read the book, but that you accept it with benevolence as a modest sign of my deep and truly heartfelt gratitude. Gradisca, Eccellenza, il sincero

que leia o livro, mas que o aceite com benevolência como um modesto sinal da minha profunda e verdadeiramente sentida gratidão. Aceite, Eccellenza, il sincero riconoscimento della mia profonda gratitudine e vivissima ammirazione

Stefan Zweig<sup>6</sup>

Do ponto de vista retórico, a carta de agradecimento se inscreve na tradição secular da educação do príncipe - como diz o título de um livro de 1516 de Erasmo de Roterdã, tão admirado por Zweig.<sup>7</sup> Na carta, Zweig tenta "contagiar" o duce com os princípios de sua filosofia de vida humanística.

Glorificar as virtudes de um estadista faz parte do gênero retórico da carta ao príncipe. A imagem escolhida por Zweig de um capitão que conduz a nave da nação italiana firmemente através da tempestade da história mundial está profundamente enraizada na retórica

riconoscimento della mia profonda gratitudine e vivissima ammirazione

Stefan Zweig<sup>6</sup>

From a rhetorical point of view, the letter of thanks is part of the secular tradition of the education of princes - as in the title of a book of 1516 by Erasmus of Rotterdam, and so admired by Zweig.<sup>7</sup> In the letter, Zweig tries to "contaminate" the duce with the principles of his philosophy of humanist life. To glorify the virtues of a statesman was part of the rhetorical genre of a letter to a prince. The image chosen by Zweig of a captain firmly sailing the ship of the Italian nation through the storm of world history is deeply rooted in Fascist rhetoric<sup>8</sup> and would probably also have pleased Gabriele D'Annunzio, author of Odi navali (Naval Odes, 1891-1893) and the play La nave (1909) with its nationalist inspiration. In Zweig's logic,

<sup>6</sup>Fabio Rugge, "Un'amicizia che solo la morte poté sciogliere". Indagine sul caso Germani, in: De Amicitia. Scritti dedicati ad Arturo Colombo, a cura di Giovanna Angelini e Marina Tesoro, Milano Angeli 2007, p. 551-562; aqui p. 562. Cf. Também o comentário de Thomas Migge, Dank dem Diktator. Der neu entdeckte Briefwechsel zwischen Stefan Zweig und Benito Mussolini (Agradecimento ao ditador. A recém-descoberta correspondência entre Stefan Zweig e Benito Mussolini), in:

[http://www.dradio.de/dlf/sendungen/kulturheute/510906/\(14/6/2006\)](http://www.dradio.de/dlf/sendungen/kulturheute/510906/(14/6/2006))

<sup>7</sup>Cf. Roberto Zanzari, L'educazione del principe dalla Grecia arcaica a Versailles, Cosenza Pellegrini 1996. O título da obra de Erasmo, publicada dois anos depois do Príncipe de Niccolò Macchiavelli, é Institutio principis christiani. O "ótimo príncipe" de Erasmo se notabiliza por generosidade, comedimento e honestidade. Também deve ser um pater familias (pai de família) e pastor do seu povo. A análise do poder desenvolvida por Erasmo obedece a princípios gerais que devem valer tanto para o indivíduo quanto para o príncipe.

<sup>8</sup>Fabio Rugge, "Un'amicizia che solo la morte poté sciogliere". Indagine sul caso Germani, in: De Amicitia. Scritti dedicati ad Arturo Colombo, a cura di Giovanna Angelini e Marina Tesoro, Milano Angeli 2007, p. 551-562; here p. 562. Cf. Also the commentary by Thomas Migge, Dank dem Diktator. Der neu entdeckte Briefwechsel zwischen Stefan Zweig und Benito Mussolini, in:

[http://www.dradio.de/dlf/sendungen/kulturheute/510906/\(14/6/2006\)](http://www.dradio.de/dlf/sendungen/kulturheute/510906/(14/6/2006))

<sup>9</sup>Cf. Roberto Zanzari, L'educazione del principe dalla Grecia arcaica a Versailles, Cosenza Pellegrini 1996. The title of Erasmus's work, published two years after The Prince by Niccolò Macchiavelli, is Institutio principis christiani. Erasmus's "ótimo príncipe" is noted for generosity, prudence and honesty. He should also be a pater familias (head of a family) and pastor of his people. The analysis of power developed by Erasmus follows general principles which should govern individuals as well as princes.

fascista<sup>8</sup> e possivelmente teria agradado também a Gabriele D'Annunzio, autor das Odi navali (Odes navais, 1891-1893) e do drama de inspiração nacionalista La nave (1909). Na lógica de Zweig, a diferença entre o navio "italiano", que cruza o mar revolto da história mundial e chega sã e salvo ao porto, e os outros navios, que naufragam, é como a alternativa entre o caminho - por ele desejado - da tolerância e da paz e o caminho - a seu ver, fatal - do ódio e da guerra.

Faz parte ainda da tradição da educação do príncipe considerar que o destinatário é um sábio e erudito com quem se pode conservar sobre literatura e arte. Nessa antiga tradição, o sentido de humanidade, a erudição e o interesse artístico formam uma unidade. Assim, não surpreende que Zweig apresente a Mussolini o conceito de sua biografia de Maria Antonieta, prometendo fazer logo chegar o livro às suas mãos - uma circunstância que, à primeira vista, pouco tem a ver com a intenção original da carta (o agradecimento pelo indulto de um preso político). O escritor considera o livro o auge de sua poética do vencido, só que essa defesa dos fracos e vencidos é uma crítica decidida aos vencedores. Nas obras de Zweig, principalmente em seus dramas, essa defesa dos fracos e vencidos sempre significa uma energética crítica aos vencedores. Zweig não toma o partido dos heróis da fraqueza sem a correspondente desconstrução dos personagens dominados pelo poder e que, em nome da razão

the difference between the "Italian" ship, crossing the choppy seas of world history and arriving safely at port, and the other ships, which go down, is like the alternative between the path of tolerance and peace - which he longed for - and the in his eyes fatal path of hatred and war.

It is also part of the tradition of education of princes to consider that the addressee is a wise and erudite man with whom one can talk about literature and art. In this ancient tradition, the sense of humanity, erudition and interest in the arts form a unity. So it isn't surprising that Zweig presents Mussolini with the concept of his biography of Marie Antoinette, promising to soon get a copy to him - a circumstance which on the surface appears to have little to do with the letter's original intent (gratitude for the release of a political prisoner). The author considers the book the peak of his narrative poetry of the defeated. In Zweig's works, especially in his dramas, this defence of the weak and defeated signifies at the same time an energetic criticism of the victors. One doesn't take sides with the heroes of weakness without a corresponding deconstruction of the characters dominated by power and who, in the name of instrumental reason, treat men as tools for their projects - as precisely his "better readers" will surely know. Thus, he must really have believed in the "educability" of the prince, the dictator's disposition for change, considering that his praise of weakness goes in

<sup>8</sup>Cf. o livro de Lelio Fiori, Il grande nocchiero (O grande comandante), Firenze Civelli 1928 e Ernesto Thayat, Mussolini, timoniere d'Italia (Mussolini, timoneiro da Itália), 1939. Na escolha dessa metáfora, a alusão à imagem de Dante do navio sem comandante (no 6º canto do Purgatório) tem um papel-chave.

<sup>9</sup>Cf. book by Lelio Fiori, Il grande nocchiero, Firenze Civelli 1928<sup>3</sup> and Ernesto Thayat, Mussolini, timoniere d'Italia, 1939. In choosing this metaphor, the allusion to Dante's image of a ship with no captain (in the 6th Canto of Purgatory) plays a key role.

instrumental, tratam os homens como ferramentas para os seus projetos - como devem saber muito bem exatamente seus "melhores leitores". Dessa forma, deve ter sido grande a sua crença na "educabilidade" do príncipe, respectivamente, a disposição do ditador de mudar, se levarmos em conta que o seu elogio da fraqueza aponta exatamente para a direção contrária da filosofia fascista da força e do elogio ao Übermensch, o super-homem.

É mais fácil compreender os bastidores da carta de agradecimento se examinarmos outra carta, que Zweig escreveu em 18 de março de 1933 para Oscar Kurz: "Escrevi (com a alma pesada) diretamente para M.[ussolini], e somente depois de ter a autorização da sra. G.[ermani] para tal; a feliz circunstância de ele conhecer muito bem todos os meus livros, não sei como, encorajou-me. Hoje recebi a resposta, depois que ele incumbiu o chefe da legação em Viena, Auriti, de me informar que, atendendo ao meu pedido, comutou a pena de prisão em 'confino', o que permite que a sra G.[ermani] poderá acompanhá-lo et che, passate [sic!] qualche tempo, egli considera la possibilità di lui completa liberazione. Isso é muito mais do que eu esperava. Caso encontre com a sra. G.[ermani], recomendo que ela (ainda que contra a vontade) escreva uma carta de agradecimento a ele, isso estimularia um bom clima e, afinal - não importa o julgamento político, se o homem mais ocupado da Europa reage de maneira tão espontânea a uma carta particular de um estrangeiro, isso indica uma postura humana de grandeza.

Repto meu pleito mais urgente: que a minha ação continue

precisely against the flow of Fascist philosophy and its worship of the Übermensch, the super-man.

It is easier to understand the background of this letter of thanks if we examine another letter which Zweig wrote, on 18th March 1933 to Oscar Kurz:

I wrote (with heavy heart) directly to M.[ussolini], and only after getting the authorization from Signora G.[ermani] to do so; the happy circumstance that he knows all my books very well, I know not how, encourages me. Today I received the reply, following his instructing the head of the mission in Vienna, Auriti, to inform me that, granting my request, he had commuted the sentence to "confino", which will allow Signora G.[ermani] to accompany him et che, passate [sic!] qualche tempo, egli considera la possibilità di lui completa liberazione. This is more than I had hoped for. Should you meet Signora G.[ermani], I recommend that she write a letter (perhaps against her will) thanking him, which will stimulate a good mood and, after all - regardless of one's political judgement, if the busiest man in Europe reacts so spontaneously to a private letter from a foreigner, this does indicate a human attitude of greatness..

I repeat my most urgent plea that my action remain completely anonymous. Publicity spoils everything...<sup>9</sup>

This letter can put into proportion the unbridled admiration for Mussolini which comes across in the emphatic tone of the letter of thanks. Zweig presents his first letter to Mussolini as the result of a difficult act of self-overcoming and the second as a pragmatic initiative with the clear intention of accelerating Germani's release. Even so, a certain ambivalence

<sup>9</sup>See the catalogue to the exhibition 699 of the antique dealer J.A. Stargardt for the auction on 16th and 17th April 2013 at Kempinski Hotel Bristol Berlin, Berlin 2013, p. 193. Thanks to Hildemar Holl, of International Stefan Zweig Society, Salzburg, for bring to my attention the existence of this letter, which belongs to a private collector.

totalmente anônima. A publicidade estraga tudo..."<sup>9</sup>  
Essa carta pode relativizar a admiração ilimitada por Mussolini que transparece no tom enfático da carta de agradecimento. Zweig apresenta sua primeira carta para Mussolini como resultado de um difícil ato de auto-superação e a segunda como iniciativa pragmática com a clara finalidade de acelerar a libertação de Germani. Ainda assim, permanece uma certa ambivalência na postura de Zweig vis-à-vis a Mussolini, pois ele continua atribuindo humanidade e generosidade ao duce. Fica no ar a pergunta se é possível relativizar a política tanto quanto Zweig o requer, pois não devemos esquecer que Zweig está falando da pessoa que encorajou o assassinato de Matteotti.

Apesar de precisar isso, a carta de agradecimento de Zweig pressupõe uma afinidade eletiva - qualquer que seja - entre o escritor austríaco e o ditador italiano, ou pelo menos um respeito mútuo de um pelo outro. Os diários de Thomas Mann daquela época confirmam essa suspeita. Em uma anotação de 9 de abril de 1933, durante uma temporada em Lugano, Mann constata, depois de escutar os relatos de Lavinia Mazzucchetti, a qual também estava na mesma cidade, que "a atmosfera em relação à Alemanha, na Itália, é quase tão ruim quanto nos outros países". Como evidência, Mann menciona uma afirmação pouco lisonjeadora de Mussolini sobre Hitler, chamando-o de "un singe" ("um macaco").<sup>10</sup> Diz que o duce também se irritou com a

about Zweig's attitude vis-à-vis Mussolini remains, since he continues to attribute humanity to the duce. The question is whether it is possible to bring politics into the equation quite as much as Zweig would require, since we mustn't forget he is writing to the man who ordered Matteotti's assassination.

Furthermore, Zweig's letter of thanks presupposes some form of elective affinity between the Austrian writer and the Italian dictator, or at least a mutual respect for each other. The diaries of Thomas Mann from that period confirm this suspicion. In a note dated 9th April 1933, during a stay in Lugano, Mann records, after hearing an account by Lavinia Mazzucchetti, who was in the same town, the "the atmosphere with regards Germany, in Italy, is almost as bad as in other countries". As evidence, Mann mentions an unflattering statement by Mussolini about Hitler, calling him "un singe" ("a monkey").<sup>10</sup> He says that the duce was also irritated by the dedication by Benedetto Croce to Mann in his History of Europe in the 19th Century. And the author of the novel Buddenbrooks is even more offended by the general anti-German atmosphere when he finds out that Mussolini has compared him to Stefan Zweig and clearly came out in favour of the Austrian writer.

"Th.[omas] M.[ann]", he [Mussolini] exclaimed during dinner, as he contradicted someone else, "isn't even a

dedicatória de Benedetto Croce para Mann em sua História da Europa no século 19. E o autor do romance Os Buddenbrook fica ainda mais ofendido com a atmosfera geral anti-germânica quando descobre que Mussolini o comparou a Stefan Zweig e claramente preferiu o escritor austríaco.

"Th.[omas] M.[ann]", exclama ele [Mussolini] durante um jantar, ao contradizer outra pessoa, "nem é um representante da Alemanha. Não fez nada para representá-la. Já Stefan Zweig, sim!"

O que importa aqui não é tanto a reação lacônica-sarcástica de Thomas Mann a essa comparação - "isso aí, nem aqui entre nós gostaríamos de ouvir", com que ele evidentemente ironiza a falta de sustentabilidade da comparação, expressando seu próprio sentimento de superioridade, respectivamente, sua própria vontade de aparecer. Muito mais interessante, neste contexto, é a admiração incondicional de Mussolini por Stefan Zweig, que não é tão evidente por si. Não apenas confirma a afirmação - repetida orgulhosamente por Zweig em O mundo que eu vi, de que Mussolini teria sido "um dos primeiros e melhores leitores dos meus livros na Itália. A proximidade temporal entre a carta de agradecimento de Zweig e dessa afirmação de Mussolini permite supor que o ditador italiano não foi insensível ao elogio de Zweig e, por assim dizer, agradeceu publicamente a ele através dessa defesa pública em favor de Zweig. Somese a isso outro aspecto. Considerando as queimas de livros no Reich alemão, parece paradoxal que Mussolini tenha se referido a Stefan Zweig como o melhor

representative of German. He does nothing to represent it. And Stefan Zweig does!"<sup>11</sup>  
What matters here is not so much Thomas Mann's brief sarcastic reaction to this comparison - "we don't want to hear that even among ourselves" - his making fun of the lack of substance of the comparison, expressing his own sense of superiority and his own desire to prevail. Much more interesting in this context is Mussolini's unconditional admiration for Stefan Zweig, which isn't as such so evident. It doesn't merely confirm the claim - proudly repeated by Zweig in The World of Yesterday, that Mussolini was "one of the first and best readers of my books in Italy". The temporal proximity between Zweig's letter of thanks and this statement by Mussolini allows one to suppose that the Italian dictator wasn't unaffected by Zweig's praise and, so to speak, publicly thanked him through this open defence in Zweig's favour. One other aspect of all this needs to be added. Considering the book burnings in the German Reich, it would seem paradoxal that Mussolini would refer to Stefan Zweig as the best representative of the German spirit. After all, Zweig was being accused of "decaying" that same "German spirit". According to the ceremony which began the book burnings and which represented the climax of the ritual, the German spirit would rise up purified from the ashes of the incinerated books.<sup>12</sup>

Mussolini also confirmed his admiration for Zweig on the occasion of the IV Convegno Volta sul Teatro in 1934. The president of the conference, Luigi Pirandello,

<sup>9</sup>Ver o catálogo de exposição 699 do antiquário J.A. Stargardt referente ao leilão de 16 e 17 de abril de 2013 no Kempinski Hotel Bristol Berlim, Berlim 2013, p. 193. Agradeço a Hildemar Holl, da Soc. Internacional Stefan Zweig de Salzburg, por me indicar a existência desta carta, que pertence a um colecionador privado.

<sup>10</sup>A comparação de Hitler com um macaco não alude à sua feiúra ou ao seu gestual, e sim à suposição de que este teria imitado o fascismo de Mussolini.

<sup>11</sup>Comparing Hitler to a monkey didn't allude to his looks or physical gestures, but to the idea that he had "aped" Mussolini's Fascism.

<sup>12</sup>Cf. e.g. the book burning in Salzburg in 1938. On this: Oliver Rathkolb, Ein Fest der Martern - nationalsozialistische "Thomas Mann, Tagebücher 1933-1934, org. Peter de Mendelssohn, Frankfurt/Main Fischer 1980, p. 44. Cf. also: Stefan Zweig, Triumph und Tragik. Aufsätze, Tagebuchnotizen, Briefe, org. Ulrich Weinzierl, Frankfurt/Main Fischer TB 1992, p. 86.

representante do espírito alemão. Afinal, Zweig estava sendo acusado de "decompor" o mesmo "espírito alemão". De acordo com o ceremonial que introduzia a queima de livros e representava o auge do ritual, o espírito alemão devia ressurgir purificado das cinzas dos livros incinerados.<sup>12</sup>

Mussolini também confirma sua admiração por Mussolini por ocasião da IV Conferência Volta sobre o Teatro (Convegno Volta sul Teatro) em 1934. O presidente da conferência, Luigi Pirandello, quer convidar o escritor austríaco, mas tem dúvidas sobre a conveniência da presença de Zweig no evento. Para tirar a dúvida, Pirandello aborda Mussolini diretamente:

"Memorando para Sua Excelência, o chefe de governo  
A presidência do "Convegno Volta sul Teatro" consideraria  
oportuno convidar o austríaco Stefan Zweig.

Considerando que um convite para a mesma personalidade no âmbito da conferência sobre a Europa [em 1932, nota do autor] desencadeou uma acirrada campanha pela imprensa, considera-se necessário conhecer a ordem do chefe de governo para um novo convite."<sup>13</sup>

O nome de Zweig consta entre os participantes da conferência, embora ele tivesse agradecido o convite, dizendo que não iria, como no ano de 1932.<sup>14</sup> Isso significa que Mussolini apoiou a iniciativa de Pirandello. Ter tomado o partido de Zweig, naquele momento, não

wanted to invite the Austrian author, but had doubts about whether Zweig's presence at the event would be convenient. To clarify this doubt, Pirandello approached Mussolini directly:

Memorandum to His Excellency, head of the government

The president of "Convegno Volta sul Teatro" considers it favourable to invite the Austrian Stefan Zweig. Considering that an invitation to the same personality for the conference on Europe [in 1932, author's note] unleashed a stubborn campaign by the press, please advise the orders of the head of the government regarding this new invitation.<sup>15</sup>

Zweig's name is listed among the participants of the conference, although he had acknowledged the invitation saying that he would not attend, as in 1932.<sup>16</sup>

That means that Mussolini supported Pirandello's initiative. To have taken Zweig's side at that moment was by no means obvious, with the Austrian writer's books on blacklists in German and being burned.

Mussolini's support goes on until 1936. In recalling his collaboration with Richard Strauss in the opera *Die schweigsame Frau*, Stefan wrote: "the opera was forbidden. In the German language it has been produced only in Free Switzerland and in Prague: later on also in Italian at the Scala in Milan with the special

<sup>12</sup>Cf. p.ex. a queima de livros em Salzburgo de 1938. Sobre isso: Oliver Rathkolb, Ein Fest der Martern - nationalsozialistische Bücherverbrennungen als symbolische Politik (Uma festa das torturas - queimas de livros dos nacional-socialistas enquanto política simbólica), manuscrito inédito).

<sup>13</sup>Cit. cf: [www.lincei-celebrazioni.it/volta/i4zweig.html](http://www.lincei-celebrazioni.it/volta/i4zweig.html) (29/8/2013)

<sup>14</sup>Vgl. Convegno di Lettere, 8-14 ottobre 1934: Il teatro drammatico, Roma Reale Accademia d'Italia Fondazione Alessandro Volta 1935.

<sup>15</sup>Cit. cf: [www.lincei-celebrazioni.it/volta/i4zweig.html](http://www.lincei-celebrazioni.it/volta/i4zweig.html) (29/8/2013) Bücherverbrennungen als symbolische Politik, unpublished manuscript).

<sup>16</sup>Vgl. Convegno di Lettere, 8-14 ottobre 1934: Il teatro drammatico, Roma Reale Accademia d'Italia Fondazione Alessandro Volta 1935.

era nada óbvio, quando os livros do escritor austríaco já estavam nas "listas negras" na Alemanha e eram queimados.

O apoio de Mussolini vai até o ano de 1936. Ao recordar sua colaboração com Richard Strauss na ópera *A mulher silenciosa* (*Die schweigsame Frau*), Zweig escreve: "A ópera foi proibida. Somente foi encenada em língua alemã na Suíça livre e em Praga, depois em italiano no Scala de Milão com a especial aquiescência de Mussolini, que então ainda não se subjugara ao ditame das leis raciais."<sup>17</sup>

Os problemas que surgem a partir da comprometedora carta de agradecimento de 1933 não desaparecem ou se relativizam pelo fato de que, pouco depois, Zweig se distanciou de Mussolini também publicamente, enquanto bem antes, em afirmações feitas particularmente, já criticava o duce.<sup>18</sup> Pois em um artigo de jornal de 1934, Zweig é citado como exemplo para um entendimento errado da ligação entre literatura e política, precisamente por causa da sua crítica ao duce.<sup>19</sup> Corrado Sofia cita uma das principais afirmações de uma entrevista que Zweig deu para um jornal francês.

<sup>15</sup>Stefan Zweig, *Die Welt von gestern* (O mundo que eu vi), op. cit., p. 343.

<sup>16</sup>Cf. Gabriella Rovagnati. A política "reacionária e a histórica" de Mussolini. Stefan Zweig e o fascismo italiano, in: Stefan Zweig im Zeitgeschehen des 20. Jahrhunderts (Stefan Zweig nos acontecimentos do século 20), org. Thomas Eicher, Oberhausen Athena 2003, p. 109-127. Já em 1932, Zweig criticava D'Annunzio como uma caricatura de Mussolini e considerava o fato de o regime ter colocado o poeta "no gelo" como consequência direta da sua intromissão na política. (ver carta de Stefan Zweig para Romain Rolland do dia 20/10/1932, in: Stefan Zweig, Briefe 1914-1919, org. Knut Beck, Jeffrey B. Berlin e Natascha Weschenbach-Feggeler, Frankfurt/Main Fischer 1998, p. 219).

<sup>17</sup>Corrado Sofia, Letteratura e politica, in: *La Stampa* (Turino) 31/1/1934.

<sup>18</sup>Stefan Zweig, *The World of Yesterday*, op. cit., p. 377.

<sup>19</sup>Cf. Gabriella Rovagnati. Mussolini's "reactionary and historical" politics. Stefan Zweig and Italian Fascism, in: Stefan Zweig im Zeitgeschehen des 20. Jahrhunderts, org. Thomas Eicher, Oberhausen Athena 2003, p. 109-127. Already in 1932, Zweig criticized D'Annunzio as a caricature of Mussolini and considered the fact that the regime had put the poet "on ice" was a direct consequence of his interference in politics. (see letter from Stefan Zweig to Romain Rolland dated 20/10/1932, in: Stefan Zweig, Briefe 1914-1919, org. Knut Beck, Jeffrey B. Berlin and Natascha Weschenbach-Feggeler, Frankfurt/Main Fischer 1998, p. 219).

<sup>17</sup>Corrado Sofia, Letteratura e politica, in: *La Stampa* (Turino) 31st Jan. 1934.

permission of Mussolini who had then not yet been required to subject himself to Hitler's racial laws."<sup>15</sup>

The problems which arise following the compromising letter of thanks of 1933 do not disappear, nor are they resolved by the fact that a short while later Zweig distanced himself from Mussolini publicly, while in private he criticized the duce long before.<sup>16</sup> Then in a newspaper article in 1934 Zweig is cited as an example of a mistaken understanding of the links between literature and politics, precisely because of his criticisms of the duce<sup>17</sup>. Corrado Sofia cites one of the main statements in an interview given by Zweig to a French newspaper. In it, the Austrian writer defended the opinion that good literature can only emerge in opposition to politics, while on the other hand, its advancement through politics has never produced aesthetically successful works. Mussolini's encouragement of art didn't produce a relevant Fascist output - this is how Sofia summarizes Zweig's thought. Even after 1933, Stefan Zweig continued wavering between a rejection of Mussolini and an ambivalent sympathy for Italy's strongman, as is to be found in the

Nela, o escritor austriaco teria defendido a opinião de que a boa literatura só pode surgir na oposição à política, enquanto, ao contrário, o fomento através da política nunca gerou uma obra esteticamente bem-sucedida. O fomento da arte por Mussolini não fez surgir nenhuma obra fascista relevante - é assim que Sofia resume o pensamento de Zweig.

Mesmo depois de 1933, Stefan Zweig continuou oscilando entre a rejeição a Mussolini e uma simpatia ambivalente pelo homem forte da Itália, como podemos descobrir nas memórias de sua amiga e tradutora Lavinia Mazzucchetti. Ela relata que, por ocasião de uma visita de Zweig a Roma em 1937, este teria manifestado o desejo de presenciar uma aparição pública do duce para poder vê-lo de perto. Ela conta que só a muito custo conseguiu demover Zweig de sua perigosa intenção, conseguindo um convite para uma cerimônia na Capela Sistina.<sup>18</sup> Depois, no entanto, a situação mudou. Mesmo que Mussolini tenha permitido a apresentação da Mulher silenciosa no Teatro Scala de Milão:<sup>19</sup> o seu pacto com Hitler em 1936 e a introdução das leis raciais em 1938 não permitem mais o flerte de Zweig com o homem forte da Itália.

Acima de todas as discussões sobre a sua gênese e o seu recalque pelo autor, a carta de agradecimento a

memoirs of his friend and translator Lavinia Mazzucchetti. She recounts that during a visit by Zweig to Rome in 1937, he shared the wish to watch a public appearance by the duce to be able to see him close up. She says that it was only at great length that she managed to dissuade Zweig from his dangerous idea, by obtaining an invitation to a ceremony in the Sistine Chapel.<sup>18</sup> Afterwards, however, the situation changed. Even if Mussolini did allow the presentation of Die schweigsame Frau in the Scala in Milan<sup>19</sup>, his pact with Hitler in 1936 and the introduction of racial laws in 1938 didn't allow further room for the flirtation between Zweig and Italy's strongman. Notwithstanding all the discussions about its genesis and its suppression by the author, the letter of thanks to Mussolini represents a unique documentation of Zweig's desperate illusion that he might reconcile the values of the past, above all the value of the individual beyond his ideologies, with the "world of today" dominated by Fascism.<sup>20</sup> In terms of cultural history, the letter represents a decisive moment in the history of the crisis of humanism which, considering current events, should never stop concerning us, since being theorized for the first time in the late 1940's by Martin Heidegger.<sup>21</sup> For even though Stefan Zweig's struggle

Mussolini representa um documento único da ilusão desesperada de Zweig de ainda conseguir conciliar os valores do passado, acima de tudo o valor do indivíduo além das ideologias, com o "mundo de hoje" dominado pelo fascismo.<sup>20</sup> Em termos de história da cultura, a carta representa um momento decisivo na história daquela crise do humanismo que, por causa de sua atualidade, não deveria parar de nos ocupar, depois de ter sido teorizada pela primeira vez no final dos anos 1940 por Martin Heidegger.<sup>21</sup> Pois ainda que a luta de Stefan Zweig em favor da paz e da tolerância na referida situação histórica e com os meios das reformas que vêm de cima (a educação dos príncipes) não conseguiu ser bem-sucedida, não significa que essa luta por isso é menos justa e menos necessária.

No papel-chave que Stefan Zweig desempenhou na libertação de Giuseppe Germani não se cristaliza apenas um momento crítico da história do humanismo europeu dos anos 1930. O que nos deveria ocupar ainda hoje é o potencial de atualidade das figuras de pensamento que estiveram no cerne do debate da "causa Germani". Pois as ambivalências dramáticas com as quais Zweig lutou naquele início dos anos 1930 refletem com precisão as contradições enfrentadas pela sociedade italiana do pós-guerra e com as quais, em parte, também a Itália de hoje se vê confrontada

Sem estar explicitada, a postura de Zweig em relação ao duce contém uma diferenciação fundamental entre um

for peace and tolerance in that historical situation, by means of forms coming from above (the education of princes), never actually succeeded, it doesn't mean that the struggle was less just and less necessary.

The key role that Stefan Zweig played in the release of Giuseppe Germani isn't only crystallized in a critical moment in the history of European humanism in the 1930's. What should still concern us today is the potential relevance of the thinkers who were at the core of the "Germani cause" debate. The dramatic ambivalences with which Zweig struggled in those early years of the 1930's precisely reflect the contradictions faced by Italian society after the war, and which the Italy of today also partly still faces.

Without being explicit, Zweig's attitude with regards the duce contains a fundamental distinction between a paternalistic dictator and a brutal dictator: although Mussolini, "had not yet been required to subject himself to Hitler's racial notions"<sup>22</sup>, the latter had spread his "racial madness" right from the start. The reasons for insisting on the distinction are varied and can only be assigned in this context. Certainly, Mussolini's role against Hitler, when he wanted to annex Austria for the first time in 1934, carries important weight. But also, Zweig's relative optimism about political developments in Italy, his impression that in Fascist Italy of the 1930's, a Jewish writer could celebrate great success - as was the case with him in 1932 in Florence,<sup>23</sup> - may have favourably influenced his

<sup>18</sup> Cf. Stefan Zweig, "Ich wünschte, dass ich Ihnen ein wenig fehlte". Cartas para Lotte Zweig 1934-1940, org. Oliver Matuschek, Frankfurt/Main Fischer 2012, p. 172.

<sup>19</sup> Já Hitler não assistiu à estreia mundial da ópera em Dresden, em 1935. O motivo alegado para a sua ausência foi a neblina que teria impedido o avião levantar voo de Berlim naquela noite.

<sup>20</sup> Cf. Stefan Zweig, "Ich wünschte, dass ich Ihnen ein wenig fehlte". Briefe an Lotte Zweig 1934-1940, org. Oliver Matuschek, Frankfurt/Main Fischer 2012, p. 172.

<sup>19</sup> Hitler didn't attend the opera's world premier in Dresden, in 1935. The reason given for his absence was the fog which prevented the

<sup>20</sup> Cf. Dario Fertilio, Un applauso al Duce, il segreto di Stefan Zweig, op.cit.

<sup>21</sup> Cf. Martin Heidegger, Brief über den Humanismus

<sup>20</sup> Cf. Dario Fertilio, Un applauso al Duce, il segreto di Stefan Zweig, op.cit

<sup>21</sup> Cf. Martin Heidegger, Brief über den Humanismus (Carta sobre o humanismo)

<sup>22</sup> Stefan Zweig, The World of Yesterday, op.cit., p. 377.

<sup>23</sup> On the occasion of the cultural congress of the Fourth International Book Fair in Florence, Zweig gave a lecture entitled Der europäische Gedanke in seiner historischen Entwicklung (European thought in its historical development). Its success was so great that in a letter to Friderike, Zweig described the event as "the most impressive happening of my whole existence" (see Stefan Zweig/Friderike Zweig, Briefwechsel 1912-1942, Bern 1951, p. 257)

ditador paternalista e um ditador brutal: se, Mussolini, "ainda não se submetera ao ponto de vista racial",<sup>22</sup> Hitler já disseminara desde o início a sua "loucura racial". Os motivos para a insistência nessa diferenciação são diversos e só podem ser assinalados nesse contexto. Certamente, o papel de Mussolini enquanto anti-Hitler, quando este quis anexar à Áustria pela primeira vez em 1934, tem peso importante. Mas também o otimismo relativo de Zweig sobre o desenvolvimento político da Itália, a sua impressão de que, na Itália fascista dos anos 1930, um escritor judeu podia comemorar grandes êxitos - como aconteceu com ele em 1932 em Florença,<sup>23</sup> - podem ter influenciado positivamente a sua postura. A imagem que Zweig nos transmite ainda é a de um fascismo com rosto humano, pelo menos de um regime que, apesar de tudo, ainda pode ser humano - uma imagem que, naqueles anos, era habilmente difundida pela propaganda oficial. Assim, até certo ponto faz parte da ironia da História que Stefan Zweig tivesse antecipado os mecanismos coletivos de descarga de culpa da sociedade italiana do pós-guerra ao diferenciar entre um ditador paternalista e um ditador brutal.<sup>24</sup> Pois os italianos foram capazes de recalcar boa parte de sua responsabilidade pelos crimes da Segunda Guerra

attitude. The image Zweig transmits is still the image of a Fascism with a human face, or at least a regime which in spite of everything can still be human - an image which, in those years, was commonly promoted by the official propaganda. Thus, up to a certain point it is part of the irony of History that Stefan Zweig anticipated the collective mechanisms of discharging of guilt by the post-war Italian society, in differentiating between a paternalist



"Il duce"  
Benito Mussolini

<sup>22</sup>Stefan Zweig, *Die Welt von Gestern* (O mundo que eu vi), op. cit., p. 343.

<sup>23</sup>Por ocasião do congresso de cultura da Quarta Feira Internacional do Livro em Florença, Zweig proferiu uma palestra com o título *Der europäische Gedanke in seiner historischen Entwicklung* (O pensamento europeu em seu desenvolvimento histórico). O sucesso foi tão grande que, em uma carta para Friderike, Zweig descreveu o evento como "o acontecimento mais impressionante da minha existência".

<sup>24</sup>O título do livro de Filippo Focardi *Il cattivo tedesco e il bravo italiano. La rimozione delle colpe della seconda guerra mondiale* (o alemão mau e o italiano bom. O recalque da culpa pela Segunda Guerra Mundial), Roma Laterza 2013, é emblemático para essa postura.

apontando para a brutalidade de seus aliados e insistindo em sua falta de coerência na perseguição aos judeus, respectivamente, no uso da estratégia do genocídio sistemático. Ainda que haja um fundo de verdade nessa diferenciação, está fora de questão que a suposta diferença entre o "fascismo de opereta" e o nacionalsocialismo criminoso (entre o "italiano bonzinho" e o "alemão mau") tem sido sistematicamente instrumentalizada. Dessa forma, os italianos puderam se livrar facilmente de sua culpa. Só ao se conscientizarem dessa instrumentalização os italianos poderão começar a processar corretamente o seu passado. Só assim podem-se formar os anticorpos contra um novo risco de contaminação pelo vírus do fascismo.

(Tradução do alemão: Kristina Michahelles)



<sup>24</sup>The title of the book by Filippo Focardi *Il cattivo tedesco e il bravo italiano. La rimozione delle colpe della seconda guerra mondiale* (The bad German and the Good Italian. The Repression of Guilt of the Second World War), Roma Laterza 2013, is emblematic of this attitude.

and a brutal dictator.<sup>24</sup> For the Italians were capable of suppressing a large part of the responsibility for the crimes of the Second World War by pointing out the brutality of their allies and insisting on their lack of coherence in the persecution of the Jews and the strategic use of systematic genocide. Even if there is truth at the heart of this differentiation, it is out of the question that the supposed difference between "operetta Fascism" and criminal National Socialism (between the "good Italian" and the "bad German") has been systematically organized. In this way, the Italians could easily free themselves of their guilt. Only by becoming aware of this will the Italians forge a path to correctly processing their past. Only thus can they form antibodies against a new risk of contamination by the virus of Fascism.

Zweig desdobrou-se durante 11 meses para salvar o médico italiano

For 11 months Zweig made every effort to save the Italian doctor